

A CRIANÇA E SEU CAMINHO DA ESCRITA: NÍVEIS CONCEITUAIS

Cláudia Batista da Silva

Grupo de Estudos e Pesquisas Movimentos sociais, Diversidade e Educação do Campo -
GEPENDEC
silvaclaudia64@yahoo.com

Eliani Regina Silva

Prefeitura Municipal de Bom Jesus da Lapa- PMBJL
elianiregina@gmail.com

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
sonia_uneb@hotmail.com

Resumo: O presente estudo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar quais as maiores dificuldades encontradas para o desenvolvimento da escrita pelos educandos do terceiro ano do ciclo de alfabetização de uma Unidade de Ensino da rede municipal de Bom Jesus da Lapa. Foi utilizado a abordagem de pesquisa qualitativa, com construção de relatórios a partir de observação da aplicação de atividades pedagógicas e análise de textos produzidos pelos alunos. Os sujeitos da pesquisa foram docentes e discentes de uma escola pública situada em Bom Jesus da Lapa, BA. Os resultados apontam como evidencia que muitas informações da língua escrita só podem ser descobertas associados a outros estudos como de fonologia, linguística e em outros informantes e na participação em atos sociais em circunstâncias de escrita funcional, isto é, que sirva para fins específicos.

Palavras-chaves: Alfabetização. Escrita. Gêneros Textuais.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como foco selecionar texto de crianças do 3º ano do ciclo de alfabetização de uma Unidade de Ensino da rede municipal de Bom Jesus da Lapa, procurando compreender e analisar o processo de leitura e escrita desses educandos, bem como suas maiores dificuldades para desenvolver seu processo de escrita alfabética.

Trata-se de um estudo de caráter exploratório, cujos dados foram obtidos a partir da execução do projeto intitulado “Gênero Textual na Escola”, onde educandos vivenciaram através de produções textuais o 12 de outubro – dia da criança, a fábula – os três porquinhos e o gibi. A abordagem é qualitativa, pois, visa compreender as pessoas e os processos cognitivos e educativos que as envolvem, considerando também a historicidade no seu contexto de referência destacando o conhecimento da realidade e a capacidade de articulação pedagógica.

Ao adentrarmos ao espaço da sala de aula para observação do desenvolvimento das ações pedagógicas do projeto ora executado, podemos observar que nós professores estamos sempre esperando o educando acabado, pronto para começar uma nova etapa. Por mais que sabemos que a ideia do educando ideal só serve para nos angustiar pedagogicamente, criando conflitos improdutivos na escola. Subjacente a esses comentários, muitas vezes vamos além, queremos educandos com família estruturada, que faz uso da leitura e da escrita.

Assim, a escrita é entendida como código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como aquisição de uma técnica. Espera-se que a criança, ao final do ano, já seja revisora dos seus textos, criando a expectativa de tê-la pronta a cada ano escolar.

Na verdade, todo nosso discurso, que muitas vezes imobiliza projetos pedagógicos na escola, tenta justificar-se por conceitos aprendidos por nós, durante nossa formação, que ao longo do tempo vão caindo por terra quer por reflexões mais avançadas, formação profissional continuada e novas perspectivas vivenciadas no espaço acadêmico e aplicadas no contexto da sala de aula.

Durante o ano letivo de 2017, o projeto “trabalhando o gênero textual na escola” proporcionou rever uma carência de propostas pedagógicas na escola, que contemplassem o trabalho com a leitura e a escrita de forma satisfatória que levasse em conta não apenas a decodificação de sinais, mas uma aprendizagem significativa em consonância com inúmeras histórias que fazem parte do imaginário infantil (diversidade de gêneros).

Desenvolver um currículo próprio às necessidades prementes que integre os conteúdos escolares de forma mais dinâmica com dimensões cognitivas, afetivas, artísticas, socioeconômicas, abordando aprendizagem numa perspectiva holística, privilegiando saberes escolares como forma de desenvolvimento integral do ser humano, em conquista de um projeto de vida menos excludente e mais cidadão esteve presente na fala dos sujeitos envolvidos nesse projeto.

Nessa perspectiva, este projeto que surge de inquietações da equipe pedagógica no processo de aquisição da leitura e escrita de educandos do 3º ano do ciclo de alfabetização envolvendo também a família para dar suporte aos desafios que enfrentamos paulatinamente na consolidação do processo de alfabetização, em busca do conhecimento sobre o educando real e das possibilidades de trabalho com ele, redescobrir novos conceitos, a função da escola e nosso papel nela.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao escolhermos um projeto que privilegia a mediação de gêneros textuais na escola, inconscientemente estamos instigando um trabalho que perpassa a função primeira da escola que é o ensinar a ler e escrever; que não apenas propicie que, ao final do ano a criança se expresse através da escrita, sentindo prazer tanto na recepção (leitura) quanto na produção de texto.

Para uma educação transformadora e construtora de novas posturas, hábitos e condutas é preciso uma escola que resulte da própria comunidade, por meio do respeito e do reconhecimento dos saberes (FREIRE, 1980) e ancorada na temporalidade dos próprios estudantes (BRASIL, 2002).

Antes da entrada do construtivismo no cenário educacional brasileiro, as práticas alfabetizadoras eram (e em muitos contextos ainda são) baseadas em letras, reduzindo a aprendizagem da língua a um conjunto de sons a serem representados por letras. A alfabetização era entendida como mera sistematização de um código fundado na relação entre fonemas e grafemas.

A partir dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), a língua escrita deixa de ser analisada como mera apropriação de um código ou como meros atos de codificação e decodificação de palavras sílabas e letras passando a ser concebida como sistema de representação. Estes estudos evidenciam o caminho que as crianças percorrem no aprendizado da língua, definindo de psicogênese ou gênese (origem, geração) do conhecimento da escrita; tais estudos foram baseados na epistemologia genética de Jean Piaget.

Assim, concebe-se a leitura como um ato individual e como uma prática social (LERNER, 2002) possibilitadora de transformação do eu, do outro e do mundo. Como um ato individual, mostra-se essencialmente como um processo cognitivo, que exige além da

decodificação, memorização e processamento estratégico, o ato de internalização e de reelaboração do contexto textual e imediato.

Como prática social, deve ser vista como um instrumento de aquisição dos conhecimentos construídos pela humanidade e como meio de repensar a realidade e de reestruturá-la a partir da crítica e do questionamento sobre esta mesma realidade.

Portanto, além de uma atividade cognitiva, o processo de aquisição da leitura e escrita é também uma atividade social não mais específica da escola, mas situado em um espaço construtivo, dialógico que envolve participação ativa do educando e essa interação apoia-se em suas experiências, suas ideias prévias e no texto, contexto gerando novos conhecimentos.

Nesse contexto, a aprendizagem da linguagem, se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas de aprendizagem e as atividades de linguagem do cotidiano e os gêneros textuais são o termo de referência intermediária para uma aprendizagem significativa.

O trabalho com gêneros textuais em ciclos de alfabetização torna-se imprescindível para o desenvolvimento integral dos educando, pois, o mesmo passa a internalizar as representações do mundo, criando interpretações próprias, assim como a fala interna ou o pensamento verbal.

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. (VYGOTSKY, 1989, p. 131)

É neste espaço de busca de sentidos e significados que as mediações para uma consolidação do processo de alfabetização/letramento por meio da leitura e suas interpretações estão intimamente ligados ao pensamento Vygotskiano e como o mesmo versa sobre a contribuição da linguagem no processo de aprendizagem.

Uma vez percorrida a importância da leitura e da escrita e sabemos da sua imprescindível interação na sociedade grafocêntrica, enfatizamos aqui as práticas de letramento, aos “modos culturais gerais de utilizar o letramento que as pessoas produzem num evento de letramento”. (STREET 1995, p. 2). As práticas de letramento são modelos que construímos para os usos culturais em que produzimos significados na base da leitura e da escrita, como lembra Street (1995, p. 133). A carta pessoal é um evento de letramento, mas a

sua leitura e comentário entre os amigos, familiares é uma prática de letramento que envolve mais do que apenas a escrita, constitui prática comunicativa.

É na perspectiva desses conceitos que observamos com muita satisfação crianças autoras/leitoras de seus textos reescrevendo texto numa dimensão como se reescrevesse um “caminho seu”, identitário com marcas de subjetividade imprescindível para seu desenvolvimento integral.

Sendo assim, a aquisição do letramento alfabético torna-se indispensável àqueles que querem viver bem nas sociedades que supervalorizam a escrita, pois eles terão suas formas de vida até certo ponto condicionadas pelo rótulo (competente ou inábil) que receberem das instituições de ensino, conforme o nível de aprendizagem que demonstrarem ter obtido ao longo de sua vida escolar.

EXPRESSÃO ESCRITA E PRÁTICA LEITORA

Ao propor uma análise mais criteriosa de textos de crianças no ciclo de alfabetização, encontramos programas, projetos e planejamentos cujo objetivo central é propiciar que, ao final do ano, a criança se expresse através da escrita. Parece-nos importante apresentar o que entendemos por expressão escrita na fase de alfabetização. Em hipótese nenhuma, tal expressão deve ser relacionada a repetição de palavras, sintagmas ou frases, muitas vezes estereotipadas, sem nenhuma função comunicativa real. É duvidoso também alcançar-se o prazer com e na leitura quando se usa o livro, por exemplo, como instrumento de exaustivas cópias, sem função significativa, ou quando o tempo escolar destinado à leitura corresponde apenas à avaliação da dicção, pontuação; ou ainda, quando privilegiamos um único tipo de texto.

Assim, o projeto “trabalhando gêneros textuais na escola” foi um espaço de grande riqueza e possibilidades de práticas leitoras onde os educandos do 3º ano, além de vivenciar inúmeros gêneros textuais e poder recontar os textos tanto na oralidade (por meio do teatro) quanto na escrita tornou a proposta do projeto mais viável e participativo.

Ficou claramente estabelecido, que a leitura não pode se restringir apenas as aulas de Língua Portuguesa, as possibilidades de reescrever os textos foram aparecendo de maneira espontânea, os textos vivenciados na semana na criança mesmo timidamente foram ganhando vida, a fábula ora teatralizada, a revista em quadrinho e os textos informativos mais

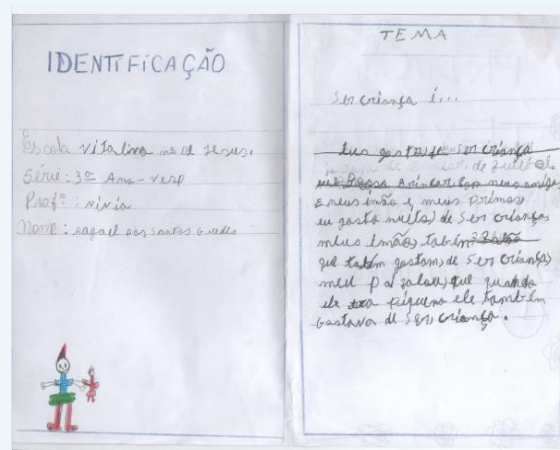
precisamente sobre o cuidado com os animais; constituem o objeto de descrição e dados importantes para nossa análise.

Ao refletir sobre o objetivo central do letramento e suas práticas, comuns em programas tradicionais, percebe-se que não se prioriza algo fundamental para quem está iniciando ou no processo de letramento; a compreensão das funções da língua escrita na sociedade. Quando a escola ignora essa realidade, está sonhando a apropriação de um saber inócuo sem nenhuma função social.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados coletados consistem em produções textuais de crianças em processo de alfabetização do 3º ano na Escola Pública Municipal de Bom Jesus da Lapa. Os textos abordam vários gêneros textuais trabalhados na Escola Vitalina Maria de Jesus: fábula, gibis e temas informativos.

Após a realização do trabalho as crianças exercitaram o processo de leitura e escrita por meio de depoimentos, recontos do gênero trabalhado e teatro na escola. Da mesma forma escrita nesse âmbito foi vivenciando confecções de murais, revistas em quadrinhos e produções textuais oportunizando as crianças traçarem a sua própria evolução linguística condizente com o seu modo de ser.

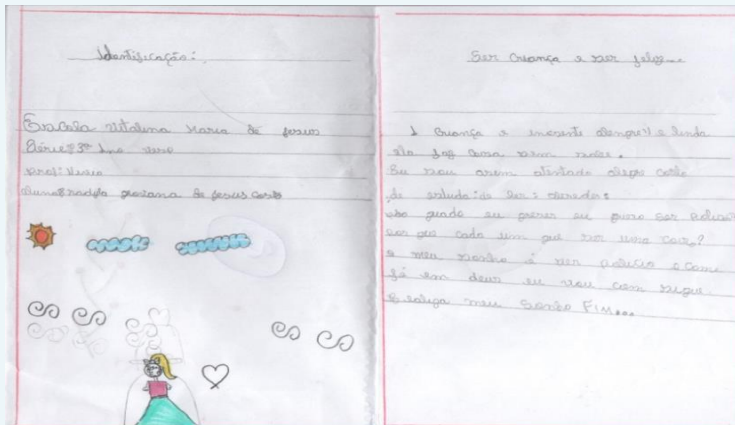


Análise da Escrita das Crianças

Texto 1: Ser Criança é...

- Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas durante a produção textual;
- Uso indevido dos sinais de pontuação;
- Desinência de número – singular/plural → meus irmão;
- Modificação da estrutura segmental das palavras → falão, também, constituem erros de troca, supressão, acréscimo e intervenção de letras. Fonte: Texto produzido pelo aluno do 3º ano da Escola Municipalizada Vitalina Maria de Jesus

A criança já se encontra no nível alfabético precisando trabalhar a consciência ortográfica. Neste nível de escrita a criança analisa na palavra suas vogais e consoantes. Acredita que as palavras escritas devem representar as palavras faladas, com correspondência absoluta de letras e sons. Já estão alfabetizados, porém terão conflitos sérios, ao comparar sua escrita alfabética e espontânea com a escrita ortográfica, em que se fala de um jeito e se escreve de outro.



Texto 02: Ser criança é ser feliz ...

Texto de aluna do 3º ano da Escola Vitalina Maria de Jesus

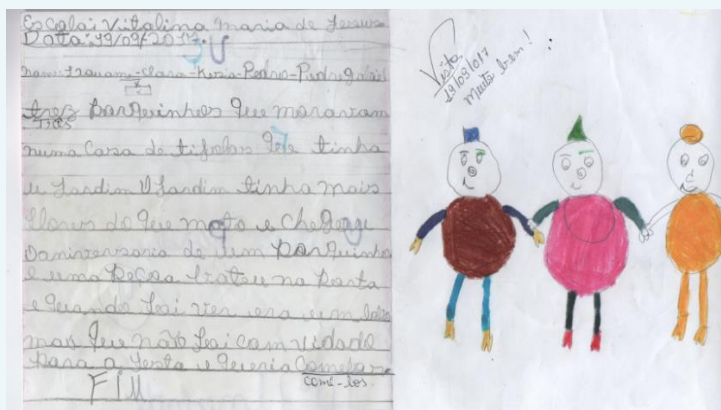
- Uso do numeral para designar o artigo indefinido (um);
- Uso indevido de letras onde o educando escolhe uma letra que possa representar o som de uma palavra enquanto a ortografia usa outra letra. Ex: inocente = inocente, obdeceu = obredeceu;
- Juntura vocabular e segmentação – com segui = conseguiu;
- Supressão de letra – assim = assim, crescer = greser, quando = quando, gosto = costa.

Educanda encontra-se no nível alfabético, enfrenta problemas ortográficos e morfossintáticos, considerados normais para a fase em que se encontra.

Texto 03: Os três porquinhos

Texto da aluna da Escola Municipalizada Vitalina Maria de Jesus

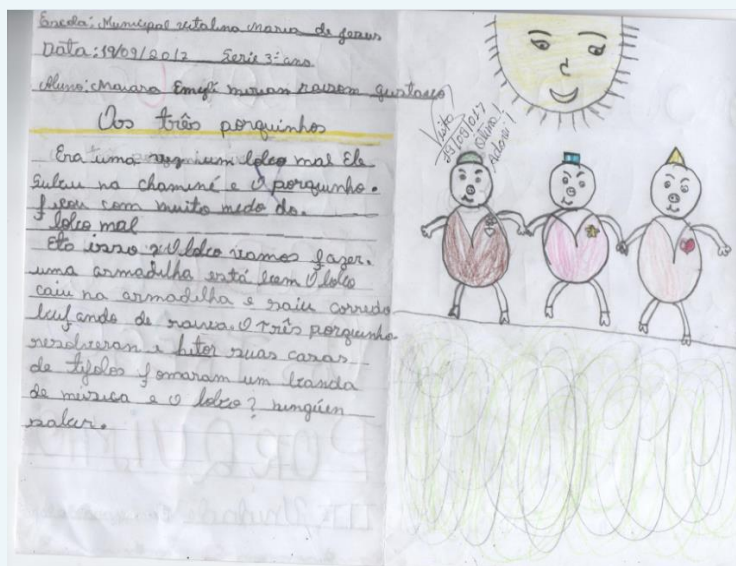
- Ausência de conectivos – elementos de coesão em todo texto;



- Uso indevido do ponto (sinal de pontuação);
 - Supressão de letras: correndo = corredo, formaram = fomaram;
 - Uso indevido de letras: lolco = lobo.
- Nível alfabético: embora já escreva convencionalmente apresenta problemas ortográficos e morfossintáticos.

Texto 04: A fábula os três porquinhos

- Modificação da estrutura segmental de algumas palavras – são erros de troca, supressão, acréscimo e intervenção de letras: u = um, três = trez, pessoa = peçoa;
- Segmentação vocabular / juntura vocabular: come-los = comelas, convidado = com vidado;
- Uso indevido de letras maiúsculas.



A criança encontra-se no nível alfabético.

Ao atingir o nível alfabético, a criança passa a escrever pautando-se na marca da oralidade considerando que a sílaba será separada em unidades menores. Tem consciência da função social que a escrita traz e que quando se escreve, é para que alguém possa ler. À medida que vão interagindo

com a linguagem escrita, vão percebendo que a escrita não é uma representação fiel da fala e aparecem novos problemas de escrita. V/F, T/D, S/Z, J/G, H, O e E final de palavra, a separação das palavras entre outras. Nos primeiros períodos em que a criança apresenta sua

escrita alfabética ainda podemos encontrar as seguintes características: Omissões de letras nas sílabas, trocas de letras de sons semelhantes, apresenta acréscimos de letras nas sílabas, troca a posição de algumas letras nas sílabas, algumas dessas características estão presentes no texto analisado.

Texto 05: História em quadrinhos

Texto da aluna da Escola Municipalizada Vitalina Maria de Jesus.

- Transcrição fonética: leite = leiti, nele = neli;
- Acréscimo de letras – quietinho = quentinho;
- Ausência de acentos e sinais ortográficos: estimação = estimação.

Nível de escrita alfabético



Texto 06: Saúde Animal



- Ausência de alguns animais de pontuação para dar ideia de interlocução. Ex: Tom, vamos tomar banho
- Supressão de letras, os verbos no infinitivo (r). Ex: Você está com fome?; mia = miar, deixa = deixar, bora se secar = vamos se secar;
- Transcrição fonética: bora Tom paciar = vamos Tom passear, pra casa = para casa;
- Segmentação vocabular: carra pato = carrapato.

Em suma, mesmo todos os textos analisados como nível alfabético, e a estreita ligação entre escrita e fala, ainda há todo um processo de elaboração cognitiva no sentido de compreender como se dá essa relação, a saber por meio da correspondência entre grafemas e fonemas. Escrever significa representar o mundo, assim como falar e desenhar. É necessário prestar atenção no corpo sonoro da palavra para chegar ao som da letra, e mesmo no nível silábico progressivamente tem que ser trabalhado.

A criança desenvolve nesta fase uma análise fonética, produzindo escritas com hipóteses alfabéticas, para a evolução psicogenética da escrita esta seria sua fase final, tendo em vista que a criança não apresenta mais problemas com o funcionamento em si da escrita alfabética, seus desafios agora centra-se em outros problemas de ordem ortográficas, escreve frases alfabeticamente, porém, com falha na segmentação (separação) entre as palavras. Ou seja, não escreve deixando os espaços em branco entre as palavras

CONCLUSÃO

Ao estudarmos e analisarmos o processo de aquisição de leitura e escrita de crianças no seu processo de alfabetização precisamente, através desse trabalho “ A criança e seu caminho: Níveis conceituais”, revisitamos a todo momento o caminho que estudamos nessa formação a nível de especialização, observamos crianças em sua desenvoltura nas apresentações (oralidade), não significa entender que a aquisição da escrita se dá de forma natural espontânea, bastando colocar as crianças rodeadas de livros, jornais, revistas para que aprendam sozinhos, o processo de aquisição da escrita exige informações socialmente veiculadas.

Muitas informações da língua escrita só podem ser descobertas associados a outros estudos como de fonologia, linguística e em outros informantes e na participação em atos sociais em circunstâncias de escrita funcional, isto é, que sirva para fins específicos, alfabetizar está relacionado ao desenvolvimento de habilidades de raciocínio sobre a língua para comunicação por meio da leitura e da escrita, utilizando os gêneros textuais que circulam em cada contexto cultural.

No entanto, é necessário entender que a escola, em seu todo, deve favorecer um ambiente alfabetizador com materiais variados para diferentes explorações, a fim de que a criança compreenda as funções da língua escrita, tal como aconteceu na aprendizagem da língua oral, propondo além das atividades de linguagem verbal, outros tipos de linguagem como a música, a dança, o desenho, o teatro como foi experienciado no projeto ora analisado.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 28. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação** (2002). Resolução nº 1/2002. Brasília: Diário oficial da República Federativa do Brasil em 09 de abril de 2002.
- LERNER, D. (2002) **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário** (E. Rosa trad.) Porto Alegre: Artmed (original publicado em 2001).
- LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- VYGOTSKY, L. S – **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- STREET, BRIAN (1984) apud Luiz Antônio Marcushchi capítulo 1 – **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**.
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Análise dos “erros” ortográficos dos textos**. In: _____. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1995. pág. 137 – 146.